



## A ARTE DA CAPOEIRA COMO MARCA DE ANCESTRALIDADE DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: PELA EMERGÊNCIA DE UM CURRÍCULO PLURAL

*Andressa Pinto da Costa<sup>1</sup>*

*Dulce Mari da Silva Voss<sup>2</sup>*

**Resumo:** Esse trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa na linha das teorias foucaultianas e da análise de discurso acerca das práticas da capoeira. O estudo foi feito com base em depoimentos de sujeitos praticantes, mestres, contra-mestres e instrutores dessa arte. Busca discutir a capoeira na contemporaneidade como uma prática que, ao mesmo tempo, conserva traços da ancestralidade e da história dos povos africanos e incorpora elementos de outras culturas. Defende que a capoeira torna-se uma potente ferramenta de aprendizagem da cultura africana e afro-brasileira, atendendo ao previsto na Lei 10.639/03. Chama a atenção dos/as educadores/as para o lugar que a capoeira pode ocupar nos currículos escolares, como arte que não apenas recupera a herança africana, mas permite a vivência da diversidade cultural.

**Palavras-chave:** capoeira; cultura africana e afro-brasileira; currículo; ancestralidade; pluralidade cultural.

### THE ART OF CAPOEIRA AS ANCESTRY'S MARK OF AFRICAN AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE: FOR THE EMERGENCY OF A PLURAL CURRICULUM

**Abstract:** This work presents partial results of a research in the line of foucaultian theories and the analysis of speech about the practices of Capoeira. The study was made based on the testimonies of practitioners, masters, foremen and instructors of this art. It attempts to discuss the Capoeira in the contemporaneity as a practice which, at the same time, retains traces of African peoples ancestry and history, and incorporates elements from other cultures. It defends that the Capoeira becomes a powerful tool of learning about African and Afro-Brazilian cultures, complying with the Brazilian Law 10.639/03. It calls the educators attention to the place that the capoeira may occupy in the school curriculum, as art that not only restores the African heritage, but allows the living of cultural diversity.

**Key-words:** capoeira; african and afro-brazilian culture; curriculum; ancestry; cultural plurality.

### L'ART DE LA CAPOEIRA EN TANT QUE MARQUE D'ANCESTRALITÉ DE LA CULTURE AFRICAINE ET AFRO-BRÉSILIENNE: POUR UNE DEMANDE D'URGENCE D'UN CURRICULUM PLURIEL

**Résumé:** Cet ouvrage présente des résultats partiels d'une recherche dans la lignée des théories foucaultiennes et de l'analyse du discours sur les pratiques de la capoeira. L'étude était basée sur

<sup>1</sup> Especialista em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa (2017).

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Bagé - RS), atuando na Área da Educação nos Cursos de Graduação - Licenciaturas e na Pós-Graduação. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino (PPGMAE).



des témoignages de sujets pratiquants, de maîtres, de contre-maîtres et d'instructeurs de cet art. Il cherche à discuter de la capoeira dans la contemporanéité comme une pratique qui conserve en même temps des traces de l'ascendance et de l'histoire des peuples africains et incorpore des éléments d'autres cultures. Il fait valoir que la capoeira devient un outil d'apprentissage puissant pour la culture africaine et afro-brésilienne, conformément à la loi 10.639 / 03. Il attire l'attention des éducateurs sur la place que peut occuper la capoeira dans les programmes scolaires, en tant qu'art qui non seulement récupère le patrimoine africain, mais permet aussi l'expérience de la diversité culturelle.

**Mots-clés:** capoeira; culture africaine et afro-brésilienne; curriculum; ascendance; pluralité culturelle.

### LA ARTE DE LA CAPOEIRA COMO MARCA DE LA ANCESTRALIDAD DE LA CULTURA AFRICANA Y AFROBRASILEÑA: POR LA EMERGENCIA DE UN CURRÍCULO PLURAL

**Resumen:** Este trabajo presenta resultados parciales de una investigación en la línea de las teorías foucaultianas y del análisis del discurso acerca de las prácticas de la capoeira. El estudio fue hecho basado en deposiciones de sujetos practicantes, maestros, contra-maestros e instructores de este arte. Busca discutir la capoeira en la contemporaneidad como una práctica que, al mismo tiempo, conserva rasgos de la ancestralidad y de la historia de los pueblos africanos e incorpora elementos de otras culturas. Defiende que la capoeira de vuelve en una potente herramienta de aprendizaje de la cultura africana y afro brasileña, atendiendo al previsto en la ley 10.639/03. Llama la atención de los educadores/as para el lugar que la capoeira puede ocupar en los currículos escolares, como arte que no apenas recupera la herencia africana, pero permite la vivencia de la diversidad cultural.

**Palabras-clave:** capoeira; cultura africana y afrobrasileña; currículo; ancestralidad; pluralidad cultural.

### A LADAINHA QUE EMBALA A RODA DO PENSAR A CAPOEIRA

Capoeira é atitude brasileira que reconhece uma história escrita pelo corpo, pelo ritmo e pela imensa natureza libertária de um homem frente a intolerância. Luta; dança; ritmo e vigor físico. Os negros criaram a capoeira tanto para servir ao prazer quanto ao combate. Realizaram, na própria carne, essa imagem de vida, fundamental até hoje. (Gilberto Gil, 2004)

Este é um trecho do discurso “Brasil, Paz no Mundo”, feito pelo então Ministro da Cultura Gilberto Gil, em Genebra (2004). A leitura desse discurso e as experiências pedagógicas vivenciadas em algumas escolas motivaram o estudo em torno dos modos como a História e a Cultura Africana e Afro-brasileira vêm sendo trabalhadas no contexto escolar. Percebe-se que muitas práticas pedagógicas se restringem a abordar a



escavidão negra no período da colonização europeia no Brasil e no Império e ao combate do preconceito racial, especialmente na Semana da Consciência Negra.

Mas, só conceituar a etnicidade não é suficiente, é necessário delinear qual o papel que ela desempenha na constituição do sujeito negro moderno, na identidade deste sujeito. Em suma, há que se criar práticas pedagógicas em a história africana e afro-brasileira sejam trabalhadas numa perspectiva cultural da herança que os ancestrais negros/as/a esforçaram-se tanto para deixar para as gerações futuras (Gonçalves, 1998).

Os movimentos negros trazem à tona as lutas de novos atores no cenário social. Nos anos de 1920, a luta evocava a raça, nos anos de 1940, sobressaia a tradição afro-brasileira e, nos anos de 1970, o foco passa a ser a cultura negra (Gonçalves, 1998).

Muitos passos foram dados em relação a valorização da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira: a afirmação dos valores afro-brasileiros, a legalização dos cultos de origem africana. Mas, só conceituar a etnicidade não é suficiente, é necessário delinear qual o papel que ela desempenha na constituição do sujeito negro moderno, na identidade deste sujeito. Em suma uma educação que não seja apenas anti-racista, mas que conte a história a partir de uma perspectiva cultural da herança que os ancestrais negros/as/a esforçaram-se tanto para deixar para as gerações futuras (Gonçalves, 1998).

Os saberes compartilhados entre gerações constituem um valioso patrimônio histórico e cultural. Nisso reside a relevância de interligar os saberes tradicionais aos conhecimentos científicos, no sentido de fortalecer o patrimônio cultural de grupos sociais e sujeitos que por muitas vezes encontram-se ausentes nos meios institucionais como as escolas e universidades, pois: “Os conhecimentos tradicionais (ou locais) são também percebidos como patrimônio, contudo, ao invés de serem guardados, se integram no circuito das trocas e são “vizinhos” (compartilhados) para que se perpetuem” (Oshai, 2017, p. 08).

Foram estes os motivos que levaram a realização da pesquisa sobre a temática da capoeira, patrimônio imaterial e cultural afro-brasileiro praticado em diferentes espaços e grupos. A pesquisa abordou a multiplicidade de dimensões presentes nas práticas discursivas e não-discursivas de quatro sujeitos capoeiristas, mestres, contra-



mestres e instrutores. Para tanto, buscou-se observar e analisar os modos pelos quais os discursos indicaram a prática da capoeira como uma arte que possibilita à educação incorporar nos currículos a cultura africana e afro-brasileira sob essa perspectiva cultural dos sujeitos negros e negras.<sup>3</sup>

Para exemplificar as relações entre as práticas discursivas e não- discursivas, vale citar o dito popular: “Quem não pode com *mandinga*, não carrega *patuá*”. Os *mandingas* eram grupos de africanos do norte, que aprenderam com os árabes e se tornaram muçulmanos. Com o tráfico negreiro, muitos desses *mandingas* misturaram-se com os outros/as negros/as que faziam culto aos *orixás*. Logo, os *mandingas* se destacaram e seus senhores delegaram tarefas mais nobres, entre elas capturar os outros negros/as escravos, fazendo a animosidade entre eles crescer. Os *mandingas* utilizavam pedaços do Al Corão em sacos de pele de animais em volta do pescoço. Quando um escravo pretendia fuga, além de se utilizar da capoeira e do *maculelê*, pendurava um *patuá* no pescoço para se fazer passar por um negro *mandinga* e assim não ser perseguido. Se um verdadeiro *mandinga* o abordasse e ele não soubesse responder em árabe logo era descoberto e punido severamente. Muitas pessoas na atualidade mantêm a tradição de carregar seus *patuás*, que nada mais é que um objeto em que se acredita estar imantado por algo divino e sagrado, sem saber a história que deu origem a esse amuleto (Trindade, 2014).

O campo empírico da pesquisa se deu no ambiente do evento II Oficina: Batizado e troca de graduação realizado pelo Projeto de Oficina Capoeira no dia 12 de novembro de 2016 na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Leopoldo Maieron, na cidade de Bagé (RS). Para a coleta de dados foram feitas entrevistas com quatro integrantes de grupos de capoeira, do sexo masculino, na faixa etária de vinte e cinco a quarenta e cinco anos de idade. Três residiam em Porto Alegre e um em Bagé e praticavam a capoeira a mais de 20 anos, sendo que um deles era capoeirista a 40

---

<sup>3</sup> A perspectiva da análise discursiva foucaultiana busca a conexão entre o visível e o enunciável, do discursivo e não-discursivo, procurando dar conta das pequenas lutas por imposição de sentido, pelo poder da palavra em um certo viés das relações (Fischer, 2004).



anos. Praticavam e ensinavam a Capoeira em locais diferentes, numa escola, universidade e nos bairros. Quanto à identidade racial, todos se declaram negros.<sup>4</sup>

A análise dos dados foi feita na linha das teorias foucaultianas, buscando compreender as continuidades e descontinuidades nas práticas discursivas e não-discursivas dos sujeitos participantes da pesquisa. Caminhos metodológicos que não são habituais, mas são de vasta riqueza e de riqueza inexplorada, cheios de manha, poética, histórias e valores, pois falam de paixões humanas.

Por tudo que esta prática corporal, espiritual e filosófica representa historicamente é importante refletir sobre a capoeira como ferramenta educacional para a formação holística dos sujeitos numa perspectiva de vivência da diversidade cultural. Para exemplificar este olhar interdisciplinar é válido abrir uma fenda na linha do tempo e assim fazer proliferar os diálogos dos capoeiristas participantes da pesquisa, corroborando para a afirmação da ancestralidade deste esporte.

### O GINGADO HISTÓRICO-FILOSÓFICO DA CAPOEIRA

A capoeira nasceu no século XVI, quando o Brasil era apenas uma colônia. A tática dos senhores de escravos era misturar negros/as de diferentes culturas e línguas, dificultando assim a comunicação entre eles. Porém, esses grupos sentiram imensa necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência dos colonizadores brasileiros. Era proibido a eles praticar qualquer tipo de arte marcial, então se utilizaram do ritmo e movimentos de sua cultura africana, adaptando-as em forma de luta disfarçada de dança.

Enquanto os senhores de escravos governavam através da chibata, os/as negros/as utilizavam do conflito para lutar pela liberdade, a fuga e a organização dos

---

<sup>4</sup> Caracterizar a raça negra pela cor da pele remete ao processo histórico em que se produziu o discurso racista de que a humanidade seria formada por três grupos diferentes: o branco, a raça superior, e os demais, o negro e o amarelo, os inferiores, sendo que o cruzamento da raça branca com as demais ocasionaria a degradação da superioridade ariana, considerada mais adiantada. Este discurso foi muito difundido principalmente no Brasil republicano, para justificar o “branqueamento” da população, após abolição da escravatura negra, substituindo essa mão de obra pela imigração europeia nas primeiras décadas do século XX. O Conde de Gobineau esteve no Brasil e escreveu sobre a superioridade da “raça ariana”, posteriormente levada ao extremo pelos teóricos do Nazismo Günther e Rosenberg, nos anos de 1920 a 1937 (Goldim, 1998).



quilombos, permitia um modo próprio de viver que revigorava as culturas africanas negadas pela escravidão. Mesmo separados pelo tempo/espaço os quilombos de antes mantêm ligação com a atualidade, a cultura dos negros/as de antes se conecta com a de hoje pela ancestralidade carregada ao longo da história (Gonçalves, 1998).

Assim, os/as negros/as faziam política, quando sua prática que era chamada de luta foi disfarçada com cantos e palmas ritmadas, tornando-se dança. Fizeram sua política, ou seja, interferiram na vida de cada um e da coletividade. As formas de resistência à escravidão indicam rupturas nos modos como o poder é exercido (Foucault, 2006).

Os/as negro/as não eram livres de corpo, mas sim de alma. Assim como as mentes, corpos podem ser educados. Afinal o corpo objetiva o sujeito. Os corpos são marcadores que produzem identidades culturais. Os modos como fabricamos discursos acerca dos corpos produzem certas identidades corporais (Soares In: Rago; Veiga-Neto, 2009).

Portanto, a capoeira foi um instrumento importante na resistência física e cultural dos sujeitos escravizados e tinha como funções a preservação da ancestralidade de um povo, que ficou do outro lado do oceano, o alívio das tensões do trabalho desumano e a manutenção da saúde física e mental. Após a abolição da escravatura, a capoeira foi instrumento de educação para os/as negros/as e o seu primeiro sustento, pois faziam apresentações em público em troca de vintém (Neto In: Alveal; Lima; Nascimento, 2012).

Ao criar a capoeira, o povo negro encontrou estratégias de conduzir a si e ao outro, expressando através do corpo, as palavras que não podiam ser ditas e os sentimentos que não podiam tolerar. Trocaram a linguagem verbal por uma linguagem de ação e arte da sobrepujança, ou seja, o desejo de ir além. Inventaram, experimentaram a si mesmo, nas singularidades de suas travessias, muitas vezes, tortuosas.

Como o povo negro criou a capoeira nas entrelinhas do livro da vida e escreveu sua ancestralidade e historicidade na complexa Cultura Africana e Afro-brasileira, suas raízes são tão nobres que permite ensinar e aprender. É tão grandiosa que mesmo quando a vogal se repete não lhe faltam atributos e adjetivos.



Calor humano; caridade; caráter; cooperação [...]  
Amor; amizade; afeto; austeridade; atenção [...]  
Prazer; pensamento; paz; paciência; pergunta [...]  
Ordem; organização; obséquio; observação [...]  
Equilíbrio; entendimento; espontaneidade; educação [...]  
Igualdade; ideologia; intenção; intuição; inteligência [...]  
Reflexão; razão; realinhamento; religare; raciocínio [...]  
Ancoragem; afeto; abstração; abolição; abraço [...] (Silva, 2008, p. 05).

Até o ano de 1930, a capoeira era proibida no Brasil e vista como prática subversiva e violenta, passível de aplicação do Código Penal. Essa visão mudou quando um capoeirista corajoso, o Mestre Bimba resolveu apresentar a luta para o então Presidente da República Getúlio Vargas que permitiu sua prática como esporte, já que o ideal, naquele contexto histórico, era um trabalhador forte e eficaz, sendo assim o desporto e a ginástica junto com todas as práticas corporais uma ferramenta para tal finalidade (Neto In: Alveal; Lima; Nascimento, 2012).

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) reconheceu a capoeira como patrimônio imaterial da humanidade. Um dos motivos para esse reconhecimento é que esta representa a luta e a resistência dos/as negros/as brasileiros contra a escravidão. Assim como Zumbi dos Palmares, Mestre Bimba não teve tempo de colher os frutos de sua luta, deixando somente sua assinatura na história (Neto In: Alveal; Lima; Nascimento, 2012).

A ancestralidade como uma marca do reconhecimento da identidade africana e afro-brasileira foi uma recorrência nos discursos dos entrevistados:

E ai por ter o pai branco e a mãe negra, se imagina ser moreno. Com a capoeira comecei a conhecer a história do povo negro e perceber que a história do povo negro não começa com a escravidão, somos descendentes de reis e rainhas e como qualquer outro povo do mundo fomos oprimidos e escravizados, como todos os povos em determinado momento o foi. Isso não é uma exclusividade do povo negro e isso traz de volta a autoestima, resgatando a negritude (mestre de capoeira).

Logo, a capoeira constitui-se numa marca cultural de reconhecimento da identidade negra para aqueles que a praticam, desafiando o próprio sujeito negro a se reconhecer como tal.

Outro relato feito sobre uma experiência vivida por um dos entrevistados refere-se a uma apresentação do seu grupo de capoeira dentro de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), afirmando que foi muito criticado. No seu entendimento o povo negro



é ainda escravizado, pois, muitas vezes, trabalha só pra comer, por um baixo salário. Por isso, sua intenção na apresentação no CTG foi o resgate que a capoeira possibilita da história dos lanceiros negros no Rio Grande do Sul, especificamente em Pinheiro Machado:

A capoeira é uma ferramenta maravilhosa, pois ela atinge a todos os públicos, mas cabe a nós manter essa tradição. Se os capoeiristas não fossem unidos não teriam vencido a escravidão (instrutor de capoeira).

Com esses relatos, vemos que a questão da identidade negra está em pauta nos discursos dos entrevistados, reforçando o debate dessa temática que vem sendo feito no campo das teorias sociais e culturais. Toda essa discussão se embasa na observação de que as lutas identitárias marcam a sociedade ocidental desde a Modernidade, colocando em xeque o padrão eurocêntrico.

Contudo, cabe problematizar essas práticas discursivas quando partimos dos estudos culturais e das teorias pós-estruturalistas, as quais colocam em xeque os discursos instituídos na Modernidade e pelo Iluminismo que classificam os indivíduos por raça, gênero, sexo, idade, nacionalidade, entre outros, uma vez que sujeitos e grupos que não se enquadram nesses padrões passaram a reivindicar seus direitos sociais.<sup>5</sup>

É desta disputa por reconhecimento social que surgem novas identidades e esse fato altera o conceito de sujeito unificado, evidenciando identidades híbridas. Até mesmo o jargão "crise de identidade" ganha um novo sentido, como afirma Hall (2001), essa crise não é mais vista como um distanciamento de uma determinada conduta do sujeito, e sim como processo mais abrangente de mudanças, de deslocamentos de estruturas, lugares e identidades que acomodavam os indivíduos e grupos, a retirada das âncoras sociais.

Pode-se afirmar que as práticas discursivas e não-discursivas dos entrevistados indicam um hibridismo entre a tradição da capoeira como herança da escravidão e marca cultural enraizada na ancestralidade dos povos africanos, sem fixar as identidades culturais dos sujeitos. Assim, esses discursos reforçam o pertencimento das identidades

---

<sup>5</sup> Com base em Hall (2003), o termo diáspora refere-se aos processos históricos de hibridização das culturas que transformam as identidades. Logo, a prática da Capoeira é hoje intercultural e se diversifica dependendo dos contextos históricos e sociais em que se realiza, pois “[...] A identidade negra é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual” (Hall, 2003, p.12).





étnicas e raciais frente à necessidade de posicionamento do sujeito negro ao grupo nas situações em que se faz necessário o reconhecimento.

A capoeira pode ser vista como uma prática que proporciona autoconhecimento através da corporeidade, o que fica muito evidente quando um dos sujeitos afirma:

A capoeira propicia a educação corporal, ao mesmo tempo que resgata a negritude, o entendimento e melhor interação com o próprio corpo do sujeito negro [...] Começo a perceber que posso ter o cabelo enrolado, não preciso esconder o cabelo, que a cor da pele é derivada de uma condição e adaptação geográfica e climática, assim fica mais fácil o relacionamento comigo mesmo e me relaciono melhor com outras pessoas negras (mestre de capoeira).

Com isso, vimos que, a prática da capoeira está sujeita a rupturas históricas, ou seja, suas finalidades se transformam conforme o contexto em que está inserida. Na contemporaneidade, a capoeira também é praticada nas academias, dividida entre Capoeira Regional e Capoeira de Angola (Castro Júnior, 2002).

Atualmente, a prática da capoeira, luta em forma de arte, é uma ferramenta socializadora que integra os sujeitos na roda. A diáspora da capoeira é fantástica, está no mínimo em cento e cinquenta países dos cinco continentes e é praticada por homens, mulheres, crianças e idosos de todas as idades e credos (Neto In: Alveal; Lima; Nascimento, 2012).<sup>6</sup>

Um dos atrativos para a sua prática é a valorização do corpo, com base filosófica de respeito mútuo. A valorização do corpo é fundamental na perspectiva negra e sobre ele se assenta toda uma rede de sentidos e significações (Bonfim, 2004).

A capoeira produz um elo com o passado, mas não o repete, transforma-se à medida que novos atores a praticam, novos discursos éticos e estéticos são produzidos. Uma dimensão cultural tão rica e fortemente enraizada que, ao manter-se na memória popular e nas práticas culturais de grupos e sujeitos negros/as ou de outras origens étnico-raciais, assumi o caráter de patrimônio imaterial da humanidade (Castro Júnior; 2002).

---

<sup>6</sup> O Iluminismo foi um movimento histórico e filosófico ocorrido nos séculos XV e XVI que fundamentou o discurso de valorização da natureza humana como contraponto à visão católica de imperfeição e pecado que predominou na Europa Medieval. Desse modo, a ruptura cultural provocada pelo Humanismo fortaleceu o advento das ciências modernas sob a lógica da razão cartesiana e passou a nortear as relações políticas, econômicas, sociais e culturais estabelecidas entre as nações ocidentais.



A capoeira produz uma relação estética pelo “transe capoeirano”, onde embalado pelo ritmo-melodia, o sujeito atinge um estado de consciência modificado e se comporta como parte integrante do conjunto, deixando de perceber a si mesmo como ser individual; passando a agir como parte integrante do ambiente em que se insere e se desenvolve (Castro Júnior, 2002).

Aqui no Brasil estima-se que cinco milhões de pessoas praticam capoeira. É uma arte premiada e respeitada pelo mundo. É uma prática cultural embebida de história, ciência e política formando indivíduos e valores éticos e estéticos. É simbólica, pois o capoeirista acredita receber toda a energia dos seus ancestrais que atuaram nessa luta ímpar pela liberdade. O sagrado se reforça pelo respeito às regras criadas por seus antecessores e a incorporação nas suas práticas dentro e fora da roda de capoeira (Castro Júnior, 2002).

### CHAMANDO A EDUCAÇÃO PARA A RODA

A capoeira tem sua linguagem própria e dialoga com a educação, valendo-se de uma prática corporal constante, uma linguagem simples, porém os próprios mestres reconhecem que não compreendem todo o seu universo de metáforas e enigmas.

A prática da capoeira em forma de arte torna-se ferramenta socializadora que promove a interação e integra os sujeitos de maneira harmoniosa; é sócio-poética, pois possibilita o movimento corporal no jogo sincronizado entre os participantes das rodas. O corpo fala, transmite, expressa saberes culturais e sociais presentes em dado contexto histórico.

Na modernidade, como defende Foucault (1987) as instituições, como as escolas, as prisões e os quartéis, exercem o poder disciplinar, buscando moldar os corpos e torná-los dóceis. Nada mais que uma forma de governo dos sujeitos. Na sociedade biopolítica contemporânea, são estabelecidos dispositivos de governo e auto-governo dos corpos que visam regular a vida das populações de modo a intensificar o



consumo de medicamentos, suplementos, práticas de embelezamento, cirurgias, academias e outros artefatos culturais de um padrão corporal narcisista.<sup>7</sup>

Assim, criam-se identidades para os corpos, evidenciando que o corpo é produção cultural. E como as mentes, os corpos podem ser docilizados e educados, através dos discursos e das vivências que conceituam as pedagogias do corpo. O corpo está a serviço da manutenção da vida e as pedagogias do corpo devem fazer a conexão entre corpo e mente, para uma arte da existência. Por isso essas práticas pedagógicas devem pensar nas particularidades corporais de cada sujeito, valorizando a beleza de cada corpo (Costa; Voss; Simões; Freitas, 2016).

Sendo assim, a capoeira pode ser vista como uma prática que proporciona autoconhecimento através da corporeidade, o que fica muito evidente nas falas:

A capoeira propicia a educação corporal, ao mesmo tempo que resgata a negritude, o entendimento e melhor interação com o próprio corpo do sujeito negro [...] Começo a perceber que posso ter o cabelo enrolado, não preciso esconder o cabelo, que a cor da pele é derivada de uma condição e adaptação geográfica e climática, assim fica mais fácil o relacionamento comigo mesmo e me relaciono melhor com outras pessoas negras (mestre de capoeira).

No momento que você está na roda, cantando ou explicando algo, mostrando com o seu corpo, você está resgatando algo do passado e a gente senta e conversa, conto a minha história, escuto a deles e fazemos o resgate da memória das pessoas que passaram, porque fica muito forte a imagem do mestre e daqueles que te iniciaram na capoeira, a pessoa não morre e desaparece, ela fica internalizada (contra-mestre de capoeira).

O tratamento dos corpos de forma genérica e impessoal nega ao sujeito a oportunidade de descobrir potencialidades que facilitarão uma vivência de acordo com suas inspirações no ecossistema em que está inserido. Trabalhar a corporeidade é um repensar do homem e do mundo para reencontrar o elo entre corpo e ambiente, pois: “[...] o corpo é veículo do ser-no-mundo e ter um corpo é para o vivente juntar-se ao meio definido, confundir-se com certos projetos e aí engajar-se continuamente” (Merleau Ponty apud Jacondino, 2006, p. 18).

Portanto, a capoeira incorporada no currículo escolar como ferramenta de produção de conhecimento e vivência das relações, possibilita a interconexão entre os diferentes sujeitos e as diferentes culturas, para que cada sujeito possa ver, ouvir,

---

<sup>7</sup>Segundo Foucault (2008) na sociedade contemporânea o poder disciplinar está associado à biopolítica, onde se engendram práticas de governo das populações que associadas as formas de subjetivação, conduzem os modos de como os sujeitos governam a si e aos outros.



tocar e sentir-se, fazendo com que o educando e o educador assumam a condição de aprendizes que ocupam o mesmo espaço e precisam conviver (Nascimento; Souza, 2014).

O currículo como cada indivíduo está em constante metamorfose, sendo velho e novo, preto e branco, homem e mulher, grande e pequeno, rico e pobre, pois a identidade pura não existe. Os modos como se produzem as diferenças na linguagem e na cultura devem ser problematizados (Corazza, 2009).

Ao pautar o ensino da História e da Cultura Africana apenas na escravidão e no desfavorecimento do/a negro/a, estar-se-á reforçando a exclusão negra. Com essa postura ao invés de exaltar o critério revolucionário, se está apenas sendo assimilacionista, termo que conceitua a possível assimilação das culturas periféricas pela cultura dominante (Gonçalves, 1998).

A resistência negra se fez e se faz contra o preconceito, a discriminação, os abusos e intolerâncias, mas não só isso. Partir do discurso interdito, o não dito, foi o que motivou este trabalho, pois devemos pensar na pluralidade das formas de resistência, as práticas culturais e as artes, como a capoeira, transformam as lutas em ações pedagógicas.

Portanto, o currículo é um campo fértil para o resgate da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira, entre outras culturas. E esse resgate deve evidenciar a riqueza das práticas culturais dos diferentes grupos étnico-raciais, sexistas, religiosos. A escola é um espaço formativo das identidades e o currículo se constitui em um campo onde circulam diferentes discursos, legitimando concepções que abrangem ou não a pluralidade cultural.

Um dos entrevistados nos chama atenção da abordagem utilizada pelo currículo quando contempla a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira quando diz:

A escola não da conta e nem tem interesse em contar a história do povo negro e quando conta é a comida, a pouca vestimenta e parece que o negro não teve contribuição na construção do país, que ficou de braço cruzado e o país foi colonizado pelos europeus, e quando começamos a ver que temos uma cultura rica que é a Capoeira, que é uma cultura que humaniza no melhor sentido da palavra e se passa a ver que a história não é só de negações, ela tem positividade (mestre de capoeira).



Outro sujeito da pesquisa evidencia a prática da capoeira como uma estratégia de inclusão da Cultura e História Africana e Afro-brasileira nos currículos e espaços escolares.

Nós temos um projeto: "*Ori in nu ere*", é *Ioruba*, *nu* é a cabeça de dentro e o *ere* é criança, então, não seria a cabeça física, mas a identidade na forma de falar, pois a gente percebia que a maior dificuldade da criança negra era na hora da socialização. Quando a criança é pequena, ela até sabe que ela não é tão querida por todos, por que quando a professora chega pra coleguinha branca ou loira que está do lado e diz que cabelo lindo e olha pra ela e não diz nada, ela não precisa falar nada, ela já falou que o outro é bonito e logo o da menina negra que tem o cabelo crespo e enrolado não o é, e esse projeto trabalhava essas questões com crianças de 7 a 14 anos (mestre de capoeira).

A partir desses relatos, percebe-se que as práticas discursivas e não-discursivas dos sujeitos capoeiristas que participaram dessa pesquisa, buscam atuar em nome da diferença pura. A capoeira torna-se uma ferramenta pedagógica que possibilita a compreensão da pluralidade cultural, especialmente o legado africano.

Conforme Corazza (2009), nenhum currículo ultrapassa ou substitui o anterior, mas, assim como os sujeitos, ele pode ser híbrido, mestiço, multifacético, polimorfos de traços caleidoscópicos. Dessa forma, abre-se o leque educacional para questões de gêneros, sexualidades, nacionalidades, religiosidades, contemplando diferentes artefatos culturais e políticas identitárias.

Para isso, suas práticas pedagógicas precisam refletir a existência das diferenças que estão presentes não só na sala de aula, mas na rua e até em nossas casas. Diferentes esses que são homossexuais, negros/as, deficientes, membros de qualquer religião e todos os que recebem o rótulo de minoria que, por muito tempo ficaram barrados e excluídos pela lógica da identidade x diferença, mas que na pós-modernidade, por força de suas próprias lutas, são diferentes de si mesmos e que não aceitam ser vistos como vítimas ou culpados, fontes do mal, desvio a serem tolerados (Corazza, 2009).

### O LEGADO

A capoeira foi criada pelo povo negro que se relacionava livremente com a natureza, uma das poucas, se não a única relação livre desses sujeitos naquela época do Brasil Colônia. Embora tenha surgido em território brasileiro, tem raízes africanas. Vai de transgressão ao código penal. Saiu do chão batido da senzala, para o tablado refinado



das academias. Vai de luta marginal à Patrimônio Imaterial da Humanidade. Logo, essa prática lúdica, mantém sua ligação com o passado, mas com o olhar no futuro para aprendermos o novo, sem esquecer do velho.

Os sujeitos capoeiristas que participaram da pesquisa se reconhecem negros através da capoeira pelo modo como ela remete à ancestralidade do povo africano. Assim, a capoeira ensina a seus praticantes história, cultura, valores éticos e estéticos, tornando-se mais que um esporte, uma filosofia de vida e de respeito mútuo.

Essa atitude só é possível se o sujeito compreender a vida como uma obra de arte denominada por Foucault (2010) como “estética da existência” e para isso é necessário o exercício sobre si estabelecido pelo próprio sujeito. Toda essa reflexão vai construir um estilo de vida diferenciado e vai promover focos de resistência aos mecanismos de poder e dominação que preconizam normalizar e padronizar a vida dos sujeitos.

Ao voltar-se para si de forma reflexiva, é possível ao sujeito alcançar momentos de liberdade e também proporciona a si mesmo regras de existência distintas de padrões e normas ditadas pelas relações sociais possibilitando ao sujeito assumir o remo do barco de sua vida e subjetividade.

Embora esse estudo tenha se baseado em um universo restrito de um grupo pequeno de capoeiristas, nele evidencia-se a capoeira como ferramenta pedagógica capaz de promover a compreensão da História e da Cultura Africana e Afro Brasileira de modo dinâmico. Promover a educação numa perspectiva holística que não se fixa no passado. Entender que reis e rainhas, príncipes e princesas, intelectuais e inventores/as negros/as que, embora não estejam nos livros, fizeram e fazem parte da história.

Entendendo que, na escola diferentes identidades são fabricadas e vivenciadas, o currículo torna-se um lugar em potencial para que o estudo da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira seja solo fértil, onde sejam oportunizadas práticas pedagógicas que problematizem a temática étnico-racial.

Acredita-se que o estudo realizado nessa produção científico-acadêmica acerca da capoeira serve como um rico subsídio para educadores/as no ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira, no sentido de provocar a reflexão dos/as estudantes quanto ao legado deixado pelo povo negro ao longo do tempo, sua contribuição para a



vida social, suas manifestações e formas de luta que evidenciam a pluralidade cultural de que é feito o nosso país.

## REFERÊNCIAS

CASTRO JÚNIOR, Luiz Vitor. A pedagogia da capoeira: olhares (ou toques?) cruzados de velhos mestres e de professores de educação física. Dissertação *de* (Mestrado em História) Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, 2002. Disponível em: <http://constellation.uqac.ca/795/1/17608358.pdf> Acesso em: 08 de dezembro de 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. A Educação do Século XXI: desafio da diferença pura. *ARIÚS: Revista de Ciências Humanas e Artes*, v. 15, n. 01, jan./jun. 2009, p. 9-18. Disponível em: [http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01\\_revistas/v15n1/00\\_arius\\_v15\\_n1\\_2009\\_edicao\\_completa.pdf](http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01_revistas/v15n1/00_arius_v15_n1_2009_edicao_completa.pdf) Acesso em 31 mar. 2016.

COSTA, A. P. da; VOSS, D. M. da S.; SIMÕES, A. G. S.; FREITAS, L. F. Das pedagogias totalitárias dos corpos à uma educação pela beleza da vida. In: Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, VIII, 2016, Universidade Federal do Pampa (Uruguaiana). *Anais do VII Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, Uruguaiana, RS, 2016. Disponível em: <http://www.seer.unipamapa.edu.br/index.php/siepe/article/view/22928> Acesso em: 13/05/2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. A governamentalidade. In: Foucault, M. Estratégia, poder-saber. *Ditos e Escritos IV*. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 281 a 305.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GIL, Gilberto. *Brasil, paz no mundo*. Discurso proferido em 19 de agosto de 2004, ONU, Itália, 2004. Disponível em <http://abadacapoeiraentorno.blogspot.com.br/2010/12/discurso-de-gilberto-gil-na-onu.html> . Acesso em: 23 de abril de 2017.

GOLDIM, José Roberto. Eugenia. RS: UFRGS, 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>. Acesso em: 10/09/2016.

GONÇALVES, Luiz Alberto de Oliveira. Os movimentos negros no Brasil: construindo atores sociopolíticos. *XXI Reunião Anual da ANPED*, Caxambu, MG setembro, 1998. Disponível em: [http://www.academia.edu/2500626/Os\\_movimentos\\_negros\\_no\\_Brasil\\_Construindo\\_atores\\_socio-pol%C3%ADticos](http://www.academia.edu/2500626/Os_movimentos_negros_no_Brasil_Construindo_atores_socio-pol%C3%ADticos). Acesso em 29 de fevereiro de 2017.

JACONDINO, Eduardo N. Sobre o Corpo: Epistemologia, identidade, educação, cultura. 1ª ed. Paraná: EGRU - Editora e Gráfica da UNIOESTE, 2006.

NASCIMENTO, G. dos S.; SOUZA, M. E. S. Uma visão Holística da Educação: da fragmentação à totalidade. *Interletras*, v. 3, n. 19, abril/set. 2014, p 01-11. Disponível em: [http://www.interletras.com.br/ed\\_anteriores/n19/conteudo/artigos/19.pdf](http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n19/conteudo/artigos/19.pdf). Acesso em: 17 de novembro de 2016.



- NETO, José O. F. Capoeira e suas cantigas: cultura oral, memória e formação da identidade. In: ALVEAL, C.; LIMA, T.; NASCIMENTO, I. (orgs). *Colóquio internacional de Culturas Africanas: GRIOTS: culturas africanas: literatura, cultura, violência, preconceito, racismo, mídias*. Cadernos de Resumos. Natal, RN, 2012, p. 347-361. Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/griots\_completo2012\_v2.pdf Acesso em: 13 de maio de 2017.
- OSHAI, Cristina Maria Arede. Por que os conhecimentos tradicionais estão firmados em três mundos. *Revista da ABPN*, v. 09, Ed. Especial – Caderno Temático: Saberes Tradicionais, dez. 2017, p.06-34.
- SOARES, Carmen Lúcia. Escultura da carne: o *bem-estar* e as pedagogias totalitárias do corpo. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A (orgs.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009, p. 63 – 81.
- TRINDADE, Diamantino Fernandes. *História da Umbanda no Brasil*. SP: Editora Conhecimento, 2014.

*Recebido em setembro de 2017  
Aprovado em dezembro de 2017*

785